

# Atitudes linguísticas dos jovens Kaingang do Apucarantina

Gislaine Domingues\*

## Introdução

Neste artigo apresentamos um recorte da nossa pesquisa de doutorado, na qual abordamos, sob uma perspectiva sociolinguística, a vitalidade e manutenção da língua Kaingang, como de uso principal, em todos os domínios da Terra Indígena do Apucarantina, localizada no Estado do Paraná.

O povo Kaingang está distribuído pelos três Estados do Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) do Brasil e em parte de São Paulo. A língua, que recebe o mesmo nome do povo que a fala, pertence à Família Jê, Tronco Macro Jê.

Na TI-Apucarantina, a língua Kaingang é utilizada em todos os espaços sociais, sendo, portanto, considerada a língua de maior uso, em relação ao português, variedade muito pouco utilizada entre os falantes da Aldeia. O contrário ocorre em outros aldeamentos da região norte do Paraná, nos quais a língua portuguesa é mais usual entre os falantes, enquanto a língua indígena é bem pouco utilizada e/ou encontra-se em processo de revitalização linguística.

Este trabalho, em especial, analisa as atitudes linguísticas de jovens Kaingang, apontando-as como condicionantes no processo de manutenção da língua indígena, a partir da observação do comportamento linguístico dos colaboradores da pesquisa nos domínios sociais da família e da aldeia, desse modo, descrevemos a situação sociolinguística da TI-Apucarantina.

Com base nos dados da pesquisa, discutimos o impacto que as atitudes linguísticas, dos falantes jovens, exercem para a vitalidade da língua indígena.

É importante observar que já foram realizados trabalhos que abordam diversos assuntos acerca do povo e da língua Kaingang, publicações que tratam da cultura e da

---

\* Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Língua Portuguesa e Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas pela mesma Instituição de Ensino Superior. Atua como pesquisadora na área de descrição linguística, especialmente, com pesquisas relacionadas aos povos e línguas indígenas (Descrição gramatical, sociolinguística, estudos das atitudes, bilinguismo e diglossia).

E-mail: prof.gislainedomingues@gmail.com

história; produções com enfoque educacional, a respeito da prática do bilinguismo e sua implicação no processo de ensino e aprendizagem escolar; dentre outros temas relevantes. Também, no campo da linguística houve expressivo aumento de trabalhos de cunho fonético-fonológico e morfossintático, voltados à descrição linguística do Kaingang, com o objetivo de contribuir para a documentação da língua, elaboração de gramáticas e de materiais pedagógicos a serem utilizados nas escolas das aldeias, dentre outros.

Contudo, ainda que os trabalhos descritivos direcionados à documentação das línguas sejam de extrema relevância, é necessário, também, o incentivo e a realização de pesquisas que favoreçam o mapeamento sociolinguístico das comunidades indígenas brasileiras. Outrossim, os dados obtidos por meio de investigações sociolinguísticas podem subsidiar projetos voltados para a educação escolar e, igualmente, contribuir na elaboração de políticas linguísticas, de manutenção e/ou revitalização de línguas ancestrais.

## A sociologia da linguagem

A Sociologia da Linguagem floresceu nos ramos dos estudos sociolinguísticos, em análise do uso da língua e da sua organização social, incluindo nas observações: “não só o uso da língua *per se* mas também atitudes linguísticas e comportamentos manifestos em relação à língua e aos seus usuários” (FISHMAN, 1974, p. 25).

Cabe mencionar que a Sociolinguística, disciplina linguística a qual a Sociologia da Linguagem está ligada, se desenvolveu como ciência própria, principalmente, nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos 1970, opondo-se ao conceito de homogeneidade da língua, por ter noção de que as comunidades linguísticas são heterogêneas e reais. Silva-Corvalán (1989) ressalta que a sociolinguística surge com uma metodologia própria, analisando a língua dentro de seu contexto social, com vistas, sobretudo, em explicar a variabilidade linguística.

Os estudos sociolinguísticos consideram a relação que se estabelece entre linguagem e sociedade, entendendo essa associação como motivadora da diversidade linguística. Para Mollica (2004, p. 10),

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como principal geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas pelos fatores estruturais e sociais.

Nas palavras desta autora, os fatores sociais junto aos estruturais apresentam influências diretas no processo de variação linguística. Dessa forma, a principal tarefa da Sociolinguística é a de descrever a relação correlacionada às diferenças sociais sistemáticas. Portanto, nesse aspecto, é seguro afirmar que a diversidade linguística é o objeto de estudo da Sociolinguística.

Em acréscimo, é importante sublinhar as ponderações feitas por Bright (1964), acerca dos possíveis campos das pesquisas sociolinguísticas, enfatizando o caráter interdisciplinar desse vasto campo dos estudos, o autor aponta algumas dimensões condicionadoras para a diversidade linguística, dentre as tais:

1. Identidade social do emissor/falante: variação diastrática – fatores socio-identitários do falante (gênero, profissão, faixa etária), relativos aos estratos socioculturais;
2. Identidade social do ouvinte/receptor: tipos de falas, determinados pela identidade do receptor. Bright (1964) menciona como exemplo dessa dimensão, a forma como os adultos falam com os bebês (*baby talk*);
3. Contexto social: Variação estilística e social compreende, paralelamente, as identidades dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação e o ambiente da comunicação.

Bright (1964) reforça que existem outras dimensões que não são, basicamente, evidenciadas no comportamento linguístico, mas, nos objetivos do pesquisador. Nesse ensejo, aponta outros alcances da Sociolinguística: as pesquisas orientadas pelas variações sincrônica e diacrônica; os estudos das atitudes linguísticas; os estudos geolinguísticos, dentre outros.

Por fim, o autor trata da última dimensão a ser reconhecida nas pesquisas sociolinguísticas: a da “Aplicação”, explicando que o caráter desses estudos é interdisciplinar, dada a correlação entre língua e sociedade, que é foco direto dessa disciplina linguística. Cita abordagens que são mais direcionadas aos estudos sociológicos, linguísticos, linguístico aplicado, identidade linguística, atitudes, planificação e/ou política linguística, dentre outros.

Vale ressaltar que as dimensões mencionadas são correntes independentes que percorrem a área de estudos, contudo, é possível que haja intersecção entre duas ou mais das características citadas, em um mesmo estudo sociolinguístico.

Nessa mesma linha de raciocínio, Monteiro (2000) pondera que a sociolinguística pode ser dividida sob duas perspectivas, a de macroanálise e a de microanálise. As

pesquisas macro relacionam-se, mais diretamente, com as pesquisas nas comunidades da fala, fazem uso de metodologia quantitativa, em vistas de descrever a realidade existente por detrás de um quadro conceitual e abstrato, que envolve a variação linguística. Monteiro (2000, p. 27) esclarece que:

Enquanto a macro-sociolinguística toma a sociedade como ponto de partida e trata da linguagem como um elemento básico na organização das comunidades, a micro-sociolinguística toma a própria língua como alvo e trata as pressões sociais como fatores essenciais na determinação das estruturas linguísticas.

A Sociologia da Linguagem estaria então alocada na perspectiva macro dos estudos sociolinguísticos. Nosso trabalho, seguindo esse paradigma, aborda temas vinculados ao processo de manutenção linguística de uma língua minoritária; descrição de um cenário de bilinguismo; análise de atitudes linguísticas e as implicações de um quadro linguístico diglótico no posicionamento dos falantes de uma comunidade étnica diferenciada.

Em nossas análises, consideramos o conflito linguístico presente na TI-Apucarantina, relevando o quadro de bilinguismo instaurado na aldeia. Nessa realidade, a língua Kaingang divide espaço com a língua portuguesa, na disputa por ocupação de poder, em diferentes contextos sociopolíticos.

Labov (2008), precursor da Teoria da Variação, defende que a Sociologia da Linguagem é uma área de pesquisa da sociolinguística. Conforme o autor, a Sociologia da Linguagem:

Há várias questões abertas e diversos problemas práticos associados com o declínio e assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização das línguas e o planejamento do desenvolvimento da língua em nações recém-surgidas (LABOV, 2008, p. 215).

Fishman (1974; 1995) afirma que a língua não é apenas um veículo de algum conteúdo. É também um conteúdo em si, pois, ao mesmo tempo em que indica lugares sociais e relações pessoais, é carregada de valores e marca situações e temas. No ponto de vista do autor, a Sociologia da Linguagem examina dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a sociedade, focando toda a gama de tópicos relacionados com a organização social do comportamento linguístico.

Assim, enquanto a Sociolinguística busca, por meio da análise dos elementos sociais, uma melhor compreensão sobre a estrutura e funcionamento da língua, a Sociologia da Linguagem se atém nos valores simbólicos que as variedades linguísticas têm para os seus falantes.

Ao empreender os conceitos da Sociologia da Linguagem no caso específico da língua indígena Kaingang, na TI-Apucarantina, direcionamo-nos para a questão da vitalidade de uma língua de representação étnica, que se encontra em contato direto com o português, também buscamos descrever o quadro funcional do bilinguismo mantido na comunidade, em observância às atitudes linguísticas influenciadoras para o processo de manutenção do Kaingang como primeira língua, na TI-Apucarantina.

Na acepção dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972), as atitudes são compostas por alguns elementos, a saber: os pensamentos e as crenças, os sentimentos/emoções e as tendências para reagir. Ponderam os autores que:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação de nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

As atitudes possuem tanto caráter subjetivo como comunitário, pois, partem do universo sociolinguístico de um falante, que está inserido em uma sociedade. Nesses termos, as atitudes tendem a reforçar ou omitir traços identitários do falante ou da comunidade de fala, além de contribuir para o fortalecimento ou enfraquecimento do uso de uma variedade.

Além de descrever as atitudes dos colaboradores da pesquisa, frente ao uso das duas línguas que circulam na aldeia, acreditamos ser conveniente dar ênfase às funções que as duas línguas desempenham no espaço social da terra indígena, considerando o conflito instaurado pela convivência, não linear, das línguas utilizadas pelos Kaingang: a indígena e a língua portuguesa. Compreendemos, que o quadro de bilinguismo presente da TI-Apucarantina expõe a assimetria entre as duas variedades linguísticas faladas nos espaços da aldeia.

Fishman (1972) defende o princípio para a descrição da organização social do uso da língua, a partir do estabelecimento de domínios sociais, presentes no cotidiano dos membros de uma mesma comunidade linguística. “Por comunidade linguística

compreende-se: aquella cuyos miembros participan por lo menos de una variedad lingüística y de las normas para su uso adecuado” (FISHMAN, 1995 p. 54).

Para a Sociologia da Linguagem, o espaço social corresponde ao conceito de domínio. Fishman (1975, p. 74), defende que os domínios são instituídos de forma sociocultural, de acordo com as instituições firmadas em uma comunidade linguística. São abstrações particularmente úteis para a descrição funcional, de grandes comunidades, que experimentam variação socialmente estruturada.

Ainda segundo Fishman (1972; 1995), o conceito de domínio foi inicialmente proposto por Georg Schmidt-Rohr em 1932, em um estudo do comportamento linguístico de alemães que migraram para outros países. Schmit-Rohr apontou a existência de nove domínios: a família, o espaço de lazer, a escola, a igreja, a literatura, a imprensa, o militar, a corte e a administração governamental.

Para Fishman (1972), entretanto, não há limitações numéricas de domínios, estes devem ser definidos empiricamente, de acordo com a especificidade de cada comunidade, todavia, o autor aponta cinco tipos de domínios principais: a família, o trabalho, a escola, a igreja e a rua (em extensão, bairro, vila, aldeia).

Spolsky (2016, p. 34), ao tratar de políticas linguísticas, reitera que “[...] cada um desses domínios tem suas próprias políticas, com alguns aspectos controlados internamente e outros sob influência ou controle de forças externas”. Neste trabalho, consideramos a observação dos domínios sociais: família e aldeia.

## O percurso metodológico

Para a análise e descrição das atitudes linguísticas dos jovens Kaingang, recorreremos aos dados levantados para nossa pesquisa de doutoramento. O *corpus* foi construído com base em observações do cotidiano dos entrevistados, além da realização de entrevistas, com auxílio de questionário semiestruturado.

Para o questionário, tomamos como exemplo modelos que também já foram empregados, especificamente, em trabalhos voltados às atitudes linguísticas de falantes indígenas bilíngues. Recorreremos ao inquérito aplicado por Braggio (1992) e depois retomado por Silva (2001).

Os dados analisados foram obtidos por meio de observação e da realização de entrevistas, feitas com quatro jovens Kaingang, duas mulheres e dois homens, com idades entre 18 a 26 anos, todos eles bilíngues ativos em Kaingang e em português. Para preservarmos a identidade dos nossos colaboradores optamos pela utilização de

marcadores alfanuméricos, dividindo os falantes em dois grupos, classificados pelos gêneros Feminino (Grupo 1) e gênero Masculino (Grupo 2). Um esquema detalhado do perfil dos participantes, selecionados para esta análise, é apresentado, a seguir.

Quadro 1 – Matriz dos participantes Kaingang

|   |  |
|---|--|
| Grupo 1<br>Gênero: Feminino   |  |
| Colaboradora: 1.F.1<br>Idade: 23 anos<br>Escolaridade: Ensino Médio<br>Profissão: Estudante Universitária     | Colaboradora: 1.F.2<br>Idade: 26 anos<br>Escolaridade: Ensino Superior<br>Profissão: Professora bilíngue |
| Grupo 2<br>Gênero: Masculino  |  |
| Colaborador: 2.H.1<br>Idade: 18 anos<br>Escolaridade: Ensino Fundamental<br>Profissão: Trabalhador temporário | Colaborador: 2.H.2<br>Idade: 25 anos<br>Escolaridade: Ensino Médio Completo<br>Profissão: Artista visual |

Fonte: Elaboração da autora.

## Resultado e discussões da pesquisa

Descrevemos as atitudes linguísticas dos jovens Kaingang, considerando a manutenção da língua indígena como a variedade mais usual, nas interações sociodiscursivas dos falantes da TI-Apucarantina. Na análise, observamos como se dá o uso da língua Kaingang e do português entre os jovens, nos domínios linguísticos da família e da aldeia.

Os participantes da pesquisa são bilíngues, todos têm o Kaingang como língua materna e tiveram contato, de forma mais aprofundada, com o português, a partir do ingresso na educação escolar, fase na qual, tradicionalmente, as crianças aprendem a segunda língua, no 3º ano do Ensino Fundamental I.

Para atestar qual é a língua preferencialmente utilizada entre os jovens Kaingang, consideramos as anotações de nosso diário de campo, referentes à observação de algumas cenas de interação que envolvem os participantes da pesquisa, na relação com seus familiares, em casa e com os vizinhos e amigos, na aldeia. Também analisamos trechos das entrevistas, especificamente as respostas dadas para as seguintes perguntas: 1) Que língua você mais usa em casa para falar com os adultos? 2) Que língua

você mais usa em casa para falar com as crianças? 3) Que língua você usa para falar, na aldeia, com pessoas que tem sua idade? 4) Que língua você usa para falar com os velhos?

Quanto ao comportamento linguístico dos entrevistados, em correspondência aos lugares sociais da família e da aldeia, convém enfatizar duas questões importantes para o entendimento das práticas sociodiscursivas desses falantes.

A primeira delas é o reconhecimento da importância da oralidade para os povos tradicionais. D'Angelis (2017, p. 210) reforça que “[...] as narrativas indígenas sustentam e se perpetuam por uma tradição oral”.

Essa afirmação foi confirmada em nossa análise. Os entrevistados relatam ter aprendido a língua Kaingang com os pais, familiares mais próximos e com os anciões, nas rodas de conversa, contação de histórias, cantos, enfim, nas práticas socioculturais e discursivas da aldeia. Seguindo essa lógica, consideramos também, em nossa investigação, a convivência “familiar”, firmada tanto nas marcas de consanguinidade, quanto nas relações com entre os outros membros da família, dado ao fato da visão expandida de família que os Kaingang defendem.

Na visão cosmológica Kaingang, o mundo foi criado pelos heróis míticos Kainhru e Kamé, os irmãos foram responsáveis por toda a criação terrena. De acordo com Veiga (2000), a dupla personifica a percepção de mundo perfeitamente simétrica, formada por pares opostos e complementares, a autora enfatiza que a cosmologia kaingang é aberta para a alteridade, sendo o outro, parte constitutiva de uma unidade.

A partir das palavras de Veiga (2000), é possível inferir o quanto a visão dual e complementar tem importância na organização social e afetiva dos Kaingang, portanto, a ideia de família supera os laços consanguíneos e avança para as relações sociais entre os membros do grupo.

Certamente, existem conflitos relacionados à convivência, como ocorre em qualquer vínculo social formado na interação entre diferentes sujeitos, contudo, há uma maior abertura para o cuidado e respeito mútuo entre os Kaingang, pois, em essência, “são irmãos”.

Vistos por esse ângulo, os domínios linguísticos da família e da aldeia se imbricam no cotidiano do indígena. Essa hipótese foi confirmada nas entrevistas, ou seja, o convívio entre os membros da aldeia é algo sempre reforçado pelo uso da língua Kaingang.

Nesse ensejo, a estreita familiaridade entre os membros da comunidade favorece e reforça a manutenção do Kaingang como primeira língua nos domínios da família e da

aldeia, empurrando a língua portuguesa para lugares institucionalizados específicos: escola, posto médico de saúde e em algumas igrejas evangélicas. Ainda assim, nesses espaços, a língua portuguesa é usada como instrumento responsivo entre os indígenas e os *fóg* (não indígenas), sendo meramente uma língua de comunicação pontual.

## O que dizem as atitudes dos jovens Kaingang?

Em relação as perguntas realizadas acerca do uso da língua no espaço da família, todos os participantes responderam que fazem uso exclusivo da variedade indígena, independente do contexto de interação, seja em conversas formais (conselho dos pais, chamada de atenção para alguma situação delicada, dentre outros contextos) ou em momentos informais (brincadeiras, conversas descontraídas).

De igual modo, a língua Kaingang é, quase que exclusivamente, a variedade utilizada no domínio social da vizinhança, dentro da aldeia. O português é utilizado no posto de saúde, durante as consultas médicas, ainda assim, é comum que uma agente de saúde bilíngue acompanhe o paciente, a fim de proceder com a tradução de alguns termos da língua portuguesa, caso isso seja necessário.

Ao examinar os dados percebemos que há uma forte relação estabelecida entre os jovens Kaingang e a língua ancestral do grupo, eles defendem o uso da língua indígena a todo tempo, reforçando a manutenção do Kaingang como língua principal, na TI-Apucarantina.

Durante o processo da pesquisa, pudemos observar, sistematicamente, práticas cotidianas dos moradores da aldeia. Chamou-nos a atenção o envolvimento dos jovens, dentre eles, alguns colaboradores diretos da pesquisa, em movimentos de legitimação e valorização das práticas culturais ancestrais Kaingang.

O uso do Kaingang, em diferentes momentos interacionais, é frequente entre os moradores da aldeia. Neste contexto, o português é a variedade utilizada, somente, para situações pontuais, como meio de comunicação com os *fóg* e/ou nas práticas de escrita nas redes sociais, local de evidente predomínio do português.

As falas dos entrevistados apontam para a valorização do uso da língua materna nos domínios da aldeia, entre família e amigos. Consoante a Weinrich (1953, p. 145), a atitude positiva do falante contribui para a fidelidade linguística e por desdobramento: “[...] as pessoas empenham a si mesmas e os outros falantes conscientemente e explicitamente a resistir a toda mudança”.

Ademais, em situações de diglossia, motivadas pelo contato de línguas, o papel das gerações mais jovens é de extrema importância para o veredito da história das variedades em uso, visto que, a tendência é que, com o passar dos anos, esses falantes colaborem para a continuidade do uso da língua materna, influenciando a permanência da variedade indígena entre as gerações mais novas. Ainda que a língua institucionalizada pelo Estado tenda a ser mais valorizada e, dessa forma, possua maior força impositiva, o posicionamento dos falantes em favor da manutenção da língua étnica do grupo, é um importante passo para a vitalidade da língua ancestral.

Os jovens consultados para esta pesquisa apresentam atitudes positivas em relação ao Kaingang, apesar de reconhecerem a necessidade de saber o português, como forma de alcançar os espaços fora da aldeia e compartilham da ideia de que a língua indígena deve prevalecer como primeira opção de uso na TI-Apucarantina.

A participação dos jovens no processo de manutenção do Kaingang é um importante fator para a vitalidade da língua indígena, tendo em vista que, em contexto de línguas em contato, uma das principais marcas que resultam em perda é o fato de a língua ancestral do grupo tornar-se restrita somente os falantes mais velhos, tendendo, pois, os jovens a perder o interesse no aprendizado e uso da variedade étnica do grupo (FISHMAN, 1991; BRAGGIO, 1992; 2003).

Como já mencionado, o uso efetivo da língua Kaingang em todos os domínios sociais do Apucarantina é visto como um diferencial, assim, os indígenas dessa comunidade nutrem sentimento de orgulho pelo fato de conservarem a língua ancestral, enquanto outros representantes da mesma etnia, moradores de outras aldeias, buscam revitalizar a variedade linguística indígena, em contexto em que o português se tornou língua principal.

## **Considerações finais**

Neste artigo apresentamos parte dos resultados de nossa tese de doutoramento, desenvolvida junto aos Kaingang da Terra Indígena Apucarantina. Tratamos da vitalidade e manutenção da língua indígena, em situação de contato com o português. O foco de nossa análise recaiu sobre as atitudes dos jovens, considerando o uso das línguas nos domínios sociais da família e da aldeia.

Os dados revelaram que o Kaingang é a língua de uso exclusivo nos ambientes da família e nas relações entre os vizinhos e amigos da aldeia, sejam pessoas com as quais os entrevistados possuam maior proximidade e vínculo social ou com os demais moradores, independentemente da idade (crianças, adultos e idosos).

A língua Kaingang segue sendo utilizada nas interlocuções, tanto em diálogos informais (brincadeiras, relatos cotidianos), quanto nas interações mais formais (na escuta de conselhos e de histórias contadas pelos mais velhos).

Reforçamos que os jovens desempenham um importante papel no processo de manutenção de uma determinada variedade, em contexto de línguas em contato, principalmente por serem influenciadores na tendência de relevar o uso de uma específica língua, entre os falantes mais novos.

As atitudes positivas dos Kaingang, em relação à língua materna, puderam ser comprovadas, pelo engajamento dos colaboradores deste trabalho, em práticas socioculturais, fortalecedoras para a manutenção e a divulgação da língua Kaingang.

Ainda que as línguas indígenas estejam em constante perigo de ameaça, na TI-Apucarantina a tendência de vitalidade e o espaço fortificado de primeira língua é uma realidade ainda possível para o Kaingang. Nessa perspectiva, os jovens desempenham papel essencial na afirmação da variedade indígena, resistindo e demonstrando que a língua ancestral é parte importante para a afirmação identitária do grupo.

## Referências

BRAGGIO, S. L. B. Situação sociolinguística dos povos indígenas do Estado do Tocantins: Subsídios Educacionais. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v. 1, n. 1, 1992.

BRAGGIO, S. L. B. O papel da sociolinguística em Projetos de Educação, Vitalização de Língua e Cultura: Relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu. **Revista Liames**, Campinas, v. 3, p. 113-134, 2003.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

BRIGHT, W. **As dimensões da sociolinguística**. Tradução de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: Sociolinguistics. In: PROCEEDING OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE, 1964.

D'ANGELIS, W. da R. **Aprisionando sonhos: A educação escolar indígena no Brasil**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2017.

FISHMAN, J. The Relationship between Micro- and Macro-Sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. **Sociolinguistics**. Australia: Penguin Books Ltd., 1972.

FISHMAN, J. A Sociologia da Linguagem. Trad. de Álvaro Cabral In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 30-45.

FISHMAN, J. **Sociología del lenguaje**. 4. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAUGEN, E. **The Norwegian language in America: A study in bilingual behavior**. Vol. 1: The bilingual community; Vol. II. The American dialects of Norwegian. Bloomington: Indiana University Press, 1953.

HEYE, J. Sociolinguística. In: PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A.; PONTES, E.; RECTOR, M.; WITTER, G. P.; HEYE, J.; NEIVA JR., E. **Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979.

HEYE, J. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Editorial Ariel S. A, 2009.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística: Teoría y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA, M. do S. P. da. **A situação sociolinguística dos Karajá de Santa Isabel e Fontoura**. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001.

SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **Revista virtual em Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016. Disponível em:

<<http://revel.inf.br/files/f69d74cdefbd9c6efb801010f2ac8b13.pdf>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

VEIGA, J. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. 301 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

WEINRICH, U. **Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1953.

## Apêndices

### Questionário Atitudes Linguísticas

|  |
|--|
| 1. Você pode entender uma conversa em Kaingang? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )   |
| 2. Você fala Kaingang? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )  |
| 3. Você pode ler em Kaingang? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )   |
| 4. Você pode escrever em Kaingang? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )  |
| 5. Você pode entender uma conversação em Português? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )   |
| 6. Você fala Português? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )   |
| 7. Você pode ler em Português? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )  |
| 8. Você pode escrever em Português? Sim ( ) Um pouco ( ) Não ( )   |
| 9. Qual a primeira língua que você aprendeu quando era criança? Kaingang ( ) Português ( )                               |
| 10. Que língua você mais usa em casa para falar com os adultos? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                   |
| 11. Que língua você mais usa em casa para falar com as crianças? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                  |
| 12. Quando você era criança, em que língua os velhos falavam com você? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )            |
| 13. Qual a língua que é falada na igreja (culto ou na missa)? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                     |
| 14. Nas reuniões políticas em qual língua as lideranças falam? ( ) Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                |
| 15. Qual língua é falada nos rituais e nas festas? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                                |
| 16. Que língua você fala com mais facilidade? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                                     |
| 17. Que língua você usa mais em casa para escrever? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                               |
| 18. Que língua você usa no trabalho para falar com seus colegas? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                  |
| 19. Que língua você fala com pessoas que tem sua idade, na aldeia? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                |
| 20. Qual das línguas é mais falada pelas crianças? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                                |
| 21. Qual a língua é mais falada pelos velhos? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                                     |
| 22. Qual língua deve ser ensinada na escola? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                                      |
| 23. Qual língua os professores devem usar nas aulas? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )                              |
| 24. Quem fala melhor o português, os indígenas do Apucarantina ou das outras aldeias?                                    |
| 25. Você tem mais confiança em um indígena que fala a língua Kaingang ou em um indígena que só fala a língua portuguesa? |
| 26. Qual é a língua mais bonita? Por quê? Kaingang ( ) Português ( ) As duas ( )   |